

POVOADO DE CANEDOTES (VILA NOVA DE PAIVA, VISEU) - NOTÍCIA PRELIMINAR DA 1ª E 2ª CAMPANHAS -

Alexandre Canha*

1. INTRODUÇÃO

Durante trabalhos de prospecção realizados na área do Alto Paiva por Domingos J. da Cruz, no âmbito de um projecto de investigação¹, foi identificado o povoado de Canedotes, atribuído à Idade do Bronze Final².

Foi realizada em 1997 uma sondagem com vista a definir o potencial arqueológico e, se possível, áreas de ocupação desta estação, localizada na freguesia e concelho de Vila Nova de Paiva, distrito de Viseu (Fig. 1). Perante os resultados promissores obtidos na primeira campanha, optou-se por um estudo mais aprofundado deste local. Assim, foi realizada neste povoado uma nova campanha de trabalhos arqueológicos que decorreu no ano de 1998.

O trabalho aqui apresentado pretende noticiar de uma forma muito breve alguns dos dados recolhidos durante as duas campanhas citadas, pelo que este texto não deve ser encarado como um estudo de síntese. Esse estudo arqueográfico e respectivos resultados de análises entretanto realizadas serão apresentados em local próprio³.

2. DESCRIÇÃO E SÍNTESE DOS TRABALHOS REALIZADOS

O monte de Canedotes apresenta uma forma cónica e é encimado por grandes blocos de afloramento granítico precisamente na zona onde se atinge a cota máxima (846m). Detém um amplo domínio visual em todas as direcções, excepto para leste, onde se ergue um relevo, denominado Sr. da Boa Sorte, a cota ligeiramente superior (851m).

* R. Manuel Mendes, 39 R/C Dtº. 3810-131 Aveiro. C.E.P.B.A.

1 – “O Megalitismo nas ‘Terras do Alto Paiva’”. Com a entrada em funcionamento do Instituto Português de Arqueologia e no âmbito do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos (PNTA), este projecto foi reformulado transformando-se em: “O Alto Paiva - Sociedade e Estratégias de Povoamento da Pré-História Recente à Idade Média” (APPRIM), onde actualmente o estudo deste povoado se insere.

2 – VILAÇA, R.; CRUZ, D. (1995), “Canedotes (Vila Nova de Paiva, Viseu). Povoado Pré-histórico do Bronze Final” *Estudos Pré-históricos*, 3, pp. 225-261.

3 – O estudo integral será apresentado sob a forma de dissertação de mestrado a apresentar à FLUP.

Canedotes apresenta duas plataformas superiores paralelas entre si e orientadas sensivelmente a NNE-SSO. A plataforma onde os trabalhos se iniciaram, denominada sector 1, possui uma forma alongada, com as dimensões aproximadas de 75x25m, e um declive na ordem dos 4% (Fig. 2). Encontra-se protegida dos ventos predominantes de NO pela outra plataforma que se situa a oeste desta, mas a uma cota ligeiramente superior (sector 2).

Trabalhos arqueológicos

Em primeiro lugar fica expresso o agradecimento a todos os que participaram nestes dois anos de escavação em Canedotes⁴.

No ano de 1997 os trabalhos consistiram na realização de uma vala de sondagem, com 14x4m, cortando transversalmente o sector 1. Após uma pequena decapagem, os 9 primeiros quadrados (P-1/5, O-2/5) revelaram de imediato a alterite granítica. Nos restantes quadrados, pelo contrário, detectou-se uma camada arqueológica bem conservada, com uma potência estratigráfica razoável, o que confirmou o interesse arqueológico do local.

A sondagem atingiu em todos os locais o afloramento granítico, pondo a descoberto uma estratigrafia bastante simples, que se passa a descrever.

A camada 1 compunha-se de terras de cor castanho-claro, muito pulverulenta, na qual surgiam alguns fragmentos cerâmicos muito boleados. Corresponde à camada superficial e apresenta uma potência estratigráfica que varia entre os 2 e os 28 cm. A camada 2 foi subdividida em 2a e 2b. A camada 2a mostrou uma terra de cor castanho-claro, pulverulenta e pouco compacta, com espessura variável – entre os 4 e 42 cm – e alguns fragmentos cerâmicos, corresponde a uma camada de abandono. A camada 2b revelou uma cor semelhante à anterior, mas com um tom ligeiramente mais escuro, apresentava-se compacta, com uma espessura que varia entre os 4 e os 52 cm e que corresponde à única camada de ocupação identificada. Finalmente a camada 3, com terras de cor castanho-escuro, compactas, com uma potência estratigráfica que varia entre os 40 e 46 cm, totalmente estéril (Fig. 3).

Como indícios de estruturas “habitacionais” foram apenas identificados, nesta campanha, dois buracos de poste: o buraco 1 encontrado na quadrícula P-1, estruturado numa área onde a camada 2b assentava directamente sobre o saibro; o buraco 2, localizado no quadrado O-1', perfurou a camada 3 para se deter poucos centímetros abaixo do saibro. Próximo deste surgiu, em plena camada 2b, uma mancha de terra saibrenta de cor rosada, que se pensa esteja relacionada com a abertura deste buraco de poste.

Nas quadrículas O-1'/2' e P-1'/2' foi recolhida uma quantidade assinalável de bolota (*Quercus* sp.). Sensivelmente na mesma área surgiram também alguns fragmentos de mó que poderão estar em associação “funcional” com a bolota.

Exumou-se uma quantidade assinalável de material arqueológico, em especial cerâmico, líticos diversos e ainda 18 peças de bronze, incluindo artefactos completos e fragmentos.

No ano de 1998 e atendendo aos resultados obtidos no ano anterior, em especial ao facto desta estação apresentar uma camada arqueológica intacta, realizou-se uma nova campanha de escavações. Esta consistiu na conclusão da sondagem transversal do sector 1 e contemplou ainda uma escavação em área, destinada a averiguar da existência de estruturas.

Os trabalhos iniciaram-se com abertura dos quadrados O-3'/4' e P-3'/4', para conclusão da sondagem iniciada no ano anterior. Estes revelaram, ao nível da camada 2b, algumas lajes que sugeriam um alinhamento, pelo que se alargou a área escavada para norte com a abertura de mais 46 m². Tal permitiu pôr a descoberto uma – eventualmente duas – estruturas, talvez de carácter habitacional ou de armazenamento. Uma delas (E.1) situa-se nas quadrículas Q-4', R-3'/5' e S-3'/5' e consiste num círculo com 5 metros de diâmetro, definido por pequenas pedras soltas, somente a sul

4 – Alexandre Valinho, Ana Silva, André Tomás, Ângela Branco, António Carvalho, António Vieira, Artur Serra, Augusto Avelaira, Carla Dias, Carla Ribeiro, Cátia Alves, Eduardo Porfírio, Filipe Santos, João Aragão, João Marques, João Perpétuo, Lília Basílio, Michelle Santos, Nuno Gamboa, Patrícia Ascensão, Paula Mendes, Rosa Gomes, Rute Ramalho, Sílvia Loureiro, Sofia Salvador, Sónia Gabriel, Vanessa Sousa e Vânia Duarte, alunos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, ainda Comba Torre e Beatriz Pichel, da Escola Superior de Conservación y Restauro de Pontevedra.

apresenta lajes de médio porte, ligeiramente imbricadas (Fig. 4). Estas aparentam ser de uma sapata de suporte ou reforço, pois encontram-se na zona mais exposta aos ventos predominantes. Esta estrutura pétreo pode, no entanto, ser também interpretada como uma forma de sustentação de terras, dada a inclinação do terreno. Aproximadamente ao centro desta estrutura encontra-se um lajeado de forma ovalada, ao qual se liga um outro, mais imperfeito.

O que aparenta ser a outra estrutura não se apresenta tão bem conservada nem tão bem definida como a anterior, contudo parece sugerir também uma forma circular, igualmente com cerca de 5 metros de diâmetro nos quadrados O-3'/1', P-3'/1' e Q-3'. Por sinal coincide espacialmente com a mancha de dispersão de bolota recolhida no ano de 1997 e no ano de 1998, uma vez que foi recolhida em parte dos quadrados O-3' e P-3' (Fig. 4).

Esta área de dispersão de bolota, aliada à presença de moinhos, apresenta uma forma aproximadamente circular, sugere ser decorrente de algum tipo de "barreira" física, ou outra. Sensivelmente no centro desta estrutura surge o buraco de poste 2.

Ficam algumas reservas quanto à definição destas "estruturas", em especial desta última, no entanto aparentam tratar-se de "cabanas", que só após um cuidado e pormenorizado estudo a nível microespacial (ainda não realizado) se poderá eventualmente inferir se sua função seria habitacional, de armazenamento ou outra.

Nos quadrados P-4' e Q-4', surgem algumas lajes em plano horizontal, situadas entre o afloramento e as duas "estruturas" atrás referidas, sugerindo uma intenção de nivelamento em relação ao afloramento circundante, destinado talvez à circulação naquela zona. Foi justamente aí que surgiu bastante cerâmica decorada com motivos não geométricos aplicados após a cozedura.

Espólio

O material exumado integra-se arqueograficamente no Bronze Final, tanto no que respeita à cerâmica, como aos metais. Os metais exumados concentravam-se – em grande parte – nos quadrados N-1'/2' e O-1'/1', e são, na sua esmagadora maioria, bronzes disformes. Constituem excepção 3 argolas, uma espiral e 3 botões cónicos (Fig. 6, 1)⁵. Estes apresentam corpo baixo com aro de suspensão semi-circular, um deles decorado com círculos concêntricos. Os paralelos mais próximos para estes botões encontram-se no Castro de Pragança (Cadaval)⁶, Forno da Telha (Rio Maior), no Castro da Azougada (Moura)⁷, e Alegrios (Idanha-a-Nova)⁸. Aos botões junta-se um punho de espeto identificado durante os trabalhos de prospecção que conduziram à identificação do povoado⁹.

No que se refere aos líticos, surgem alguns pesos de forma elíptica com entalhes laterais em quartzito e alguns seixos de variados tamanhos. Estes teriam provavelmente funções específicas consoante as dimensões, como polidores, os mais pequenos, e como percutores, os mais volumosos, mas que só uma análise de traceologia poderá definir com mais precisão. Os elementos de mó são, na sua maioria dormentes (alguns deles bidormentes), ainda que também surjam alguns moventes.

A cerâmica recolhida encontrava-se bastante fragmentada, razão pela qual nesta primeira publicação se apresenta apenas uma forma (Fig. 6, 2).

Um realce especial, tanto pela quantidade como pela diversidade, vai para os padrões decorativos da cerâmica. Esta surge decorada com motivos incisos pós-cozedura, onde se incluem os "clássicos" triângulos e losangos (Fig. 5, 3) bem como novos padrões (Fig. 5, 1,4,5). Ocorre também, ainda que em muito pouca quantidade, cerâmica com decorações brunidas nas suas duas variantes: ornatos e sulcos. Recolheu-se igualmente cerâmica com decorações plásticas, neste caso, mamilos sem função utilitária.

5 – Apresenta-se o desenho de apenas um dos botões; os outros encontram-se em recuperação no Museu Regional D. Diogo de Sousa.

6 – COFFYN, A. (1983), "La fin de l'Âge du Bronze dans le Centre-Portugal", *O Arqueólogo Português*, série IV, (II), Lisboa, p. 177, fig. 2, nº 11.

7 – CARREIRA, J. (1994), "Pré-história Recente do Abrigo Grande das Bocas", *Trabalhos de Arqueologia da EAM* 2, Lisboa, Colibri, p. 87 Est. XXXIX.

8 – VILAÇA, R. (1995), Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze, *Trabalhos de Arqueologia* 9, 2 vol., IPPAR, Lisboa, pp. 179 e 340, Est. CLXIII, nº 11.

9 – Vide nota 2, p. 257.

3. INTEGRAÇÃO CULTURAL NO CONTEXTO DO POVOAMENTO REGIONAL

O destaque vai para as prováveis “cabanas” circulares que, como é apanágio na maioria das construções deste período, se caracterizam por uma certa precariedade¹⁰. Uma delas é constituída por um, bem delimitado, segmento de círculo formado por uma sapata de pedra assente directamente no solo¹¹.

São múltiplos os exemplos de cabanas deste tipo¹² encontradas em Portugal. A norte foram identificadas no povoado da Santinha (Braga)¹³ e no de S. Julião I (Vila Verde), tendo-se identificado neste último uma com 5 metros de diâmetro¹⁴. Na Beira Baixa, no povoado dos Alegrios (Idanha-a-Nova) foi escavada uma cabana com um diâmetro de 3,6 metros¹⁵ e, ainda no povoado da Moreirinha (Idanha-a-Nova) uma outra, com uma área aproximada de 8 metros. Na Estremadura e a sul do Tejo surgem exemplos na Tapada da Ajuda (Lisboa), com cerca de 6 metros¹⁶ e em Neves Corvo (Castro Verde), com um diâmetro aproximado de 7,5 metros¹⁷. Num contexto peninsular alargado¹⁸, existem também várias estruturas de habitação identificadas, são os casos – por exemplo – de: Los Tomos de Caracena (Sória)¹⁹; no sudoeste, em Acinipo (Málaga) identificou-se uma com um diâmetro de 5 metros²⁰. Em França cita-se apenas o caso evidente de La Grosse-Roche (Côtes d’Armor)²¹

As estruturas identificadas em Canedotes revestem-se de grande interesse pois, na Beira Alta, a norte do Mondego, são poucos os exemplos referidos. Apenas em Santa Luzia (Viseu), foi identificada uma estrutura circular com cerca de 8 metros²², pelo que Canedotes vem dar um contributo importante para o conhecimento deste tipo de estruturas.

Canedotes apresenta-se como um povoado típico da última fase da Idade do Bronze, visível não só nos materiais recolhidos, mas também nas estruturas identificadas. Estima-se que a cronologia para o período de ocupação neste povoado se situe entre os séculos XI-IX A.C.²³.

No contexto da Beira Alta, para além dos “clássicos” triângulos e losangos –“tipo Baiões/Sta. Luzia”–, os novos padrões decorativos da cerâmica recolhida em Canedotes parecem apontar para uma diversidade de padrões decorativos no “grupo Baiões/ Sta. Luzia”. Assim, parece prudente não

10 – Vide nota 8, p. 262.

11 – Um pouco à semelhança das cabanas C e D do Sector B de S. Julião I. Veja-se MARTINS, M. (1988), *A citânia de S. Julião*, Cadernos de Arqueologia - monografias - 2, Braga, Est. XLVII.

12 – Aqui apenas se referem cabanas de planta circular com sapata de pedras, ainda que deste período se conheçam estruturas do mesmo tipo, mas de planta rectangular. Não se enveredará pela problemática relativa a este tema.

13 – BETTENCOURT, A. M. (1995), “O Povoado da Santinha (Amares-Braga)”, *A Idade do Bronze em Portugal - discursos de poder -*, Catálogo, SEC, IPM, MNA, Lisboa, p. 60; BETTENCOURT, A. M. (1995), “O Povoado da Santinha (Amares-Braga)”, ..., pp. 40-41.

14 – MARTINS, (1990), *O povoamento Proto-histórico e a Romanização da Bacia do Curso Médio do Cávado*, Cadernos de Arqueologia - monografias - 5, Braga, pp. 123-125; MARTINS, M. (1988), *A citânia de S. Julião*, ... p. 135.

15 – Vide nota 8, pp. 184 e 260.

16 – CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. (1993), “Le Bronze Final et le début de l’Âge du Fer dans la région riveraine de l’estuaire du Tage”, *Mediterrâneo* 2, p. 197; CARDOSO, J. L. (1995), “O Povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda”, *A Idade do Bronze em Portugal - discursos de poder -*, Catálogo, SEC, IPM, MNA, Lisboa, p. 48.

17 – MAIA, M. (1985), “Neves II e a “facies” cultural de Neves-Corvo”, *Arquivo de Beja III*, série 2, Beja, pp. 26-27; SILVA, A. C. F.; GOMES, M. V. G. (1992), *Proto-história de Portugal*, Lisboa, Universidade Aberta, p. 245.

18 – Não se pretende aqui fazer um estudo exaustivo das cabanas em toda a Península Ibérica, pelo que aqui se dão somente alguns exemplos mais elucidativos.

19 – JIMENO MARTÍNEZ, A.; FERNÁNDEZ MORENO, J. (1991), “Los Tolmos de Caracena (Soria) (Campañas 1981 y 1982). Aportación al Bronce Medio de la Meseta”, *Excavaciones Arqueológicas en España 161*, Madrid, pp. 17-18.

20 – AGUAYO, P.; CARRILERO, M.; FLORES, C.; PINO DE LA TORRE, M. (1986), “El yacimiento pre y protohistórico de Acinipo (Ronda, Málaga): un ejemplo de cabanas del Bronce Final y su evolución”, *Arqueología Espacial* 9, Teruel, p. 40.

21 – SOTO, J. G.; PAUTREAU, J.P. (1998), “Maisons, mythes, mort, metal en France Atlantique”, in JORGE, S. O. (Coord. de) *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?*, Trabalhos de Arqueologia 10, IPA, Lisboa, p. 126.

Os autores consideram que este tipo construtivo está sobretudo atestado nas ilhas britânicas, uma vez que em França predominam as construções de planta rectangular ou sub-rectangular.

22 – PEDRO, I. (1995), *O Povoamento Proto-histórico na região de Viseu*, Dissertação de Mestrado apresentada à FLUP, policopiada, Porto, p. 47, Est. X.

23 – Em datas calibradas.

falar de um “grupo Baiões/ Sta. Luzia”²⁴ assente num tipo decorativo, nem extrapolá-lo a toda a Beira Alta. Com efeito, tendo em conta os contactos supra-regionais subjacentes, será sempre muito difícil definir com exactidão os limites da região produtora da cerâmica, assim como a origem do, ou dos, protótipos.²⁵

Assim, concorda-se com R. Vilaça quando questiona: “a superioridade numérica de um dado tipo e a sua concentração numa dada região é sinónimo de invenção e produção locais, ou apenas de uma maior aceitação e acolhimento e de um maior consumo ou, ainda simplesmente, uma área onde foi fundamentalmente comercializado?”²⁶. Tal é visível na Beira Alta onde os tipos decorativos de cerâmica encontrados apresentam uma dispersão fora desta região. São exemplos o Castro de Sto. Estêvão da Facha (Ponte de Lima), o Castro do Couto da Pena (Caminha), Santa Olaia (Figueira da Foz)²⁷, Outeiro do Circo (Beja), Cabeço dos Moinhos (Alcainça)²⁸, o Povoado dos Alegrios (Idanha-a-Nova)²⁹, o da Bouça do Frade, Castelo de Matos e Lavra (Baião), Sta. Marta da Falperra (Braga), Monte do Padrão (Sto. Tirso), Alvarelos (Sto. Tirso), Castelo de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar), S. Julião e Barbudo (Vila Verde) e Pepim (Amarante)³⁰, entre outros.

Afigura-se precipitado falar de um “grupo Baiões/Sta. Luzia” tendo como principal base a presença de um tipo decorativo cerâmico (que começa a apresentar alguma diversidade ao nível dos padrões), antes da realização de um estudo completo de formas e tipos cerâmicos na região correspondente. Além disso, uma cultura não se pode apenas definir pela cerâmica ou qualquer outro indicador material isoladamente³¹, olvidando assim outros tipos de manifestações materiais, culturais, culturais – como enterramentos –, ou outras, susceptíveis de fundamentarem uma real unidade cultural, a nível regional ou microregional.

É de louvar o esforço desenvolvido por Senna-Martinez³² na criação de um quadro de tipologia cerâmica. Contudo, o autor baseia-se apenas no estudo da cerâmica – que define como pertencendo do “grupo Baiões/ Sta. Luzia” –, de três povoados do concelho de Seia – Cabeço do Crasto de São Romão, Buraco da Moura de São Romão e Castro de São Cosme –, e de “conjuntos de materiais do mesmo horizonte cultural recolhidos em contextos secundários distantes de CSR e BMSR cerca de duas dezenas e meia de quilómetros.”³³. Desta forma, o estudo apresenta-se à partida um pouco limitado porque reduz significativamente a área de distribuição da cerâmica. Por outro lado, os “tipos”

24 – Esta ideia de “grupo”, para além de se basear na cerâmica, também se alicerça no espólio metálico e num tipo de habitat, implantado em pontos bem destacados na paisagem. No entanto, estudos recentes parecem apontar para outros tipos de habitat na Beira Alta. Veja-se CRUZ, D. (1995), “A necrópole do Bronze Final do «Paranho» (Molelos, Tondela, Viseu)”, *Estudos Pré-históricos*, 3, Viseu, pp. 85-109.

25 – O que é extensível ao espólio metálico, onde o aparecimento de moldes, ou evidências de produção local, é interpretado como caracterizador de um grupo, esquecendo-se que a maioria dos metais encontrados na Beira Alta se apresentam descontextualizados por resultarem de achados fortuitos, quer avulsos, quer em depósitos, como são os casos de Figueiredo das Donas (Viseu) (RODRIGUES, A. V. 1929), *Arqueologia da península hispânica*, Porto) e, um pouco já fora da área em consideração, de Vila Cova de Perrinho (Aveiro) (BRANDÃO, D. P. (1963), “Achado da «época do bronze» de Vila Cova de Perrinho, Vale de Cambra”, *Lucerna* 3, Porto, pp. 114-118) e de Coles de Samuel (Soure) (PEREIRA, M. A. H. (1970), *Monumentos históricos de Mação*, Coimbra). A única excepção é precisamente o depósito do povoado da Sra da Guia. No entanto, e apesar de ter sido escavado, (SILVA, A. C. F.; SILVA, C. T.; LOPES, A. B. (1984), “Depósito de fundidor do final da Idade do Bronze do castro de Senhora da Guia (Baiões, S. Pedro do sul)” *Lucerna - Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão* -, Porto, pp. 73-110), não foi possível a sua articulação com os restantes dados obtidos em anteriores escavações por KALB, P. (1978), “Senhora da Guia (Baiões)”,... pp. 112-137.

26 – Vide nota 8, p. 34.

27 – SILVA, A. C. F. (1986), *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, p. 121.

28 – KALB, P. (1978), “Senhora da Guia (Baiões)”, *Madridier Mitteilungen*, Madrid, Heidelberg, p. 125.

29 – Vide nota 8, p. 171.

30 – JORGE, S.O. (1988), *O Povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final no Norte de Portugal*, Monografias Arqueológicas 2, Porto, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, p. 71.

31 – Vide nota 8, p. 30.

32 – SENNA-MARTINEZ, J. C. (1989), *Pré-história Recente da Bacia do Alto e Médio Mondego*, Dissertação de Doutoramento apresentada à FLUL, policopiada, Lisboa; SENNA-MARTINEZ, J. C. (1993), “O grupo Baiões/ Sta. Luzia: contribuições para uma tipologia da olaria”, *Trabalhos da EAM I*, Colibri, Lisboa, pp. 93-124.

33 – SENNA-MARTINEZ, J. C. (1993), “O grupo Baiões/ Sta. Luzia: contribuições para uma tipologia da olaria”..., p.

obtidos pecam por não serem comparados com as formas recolhidas em Baiões³⁴ e em Sta. Luzia³⁵ o que reduz o âmbito das conclusões. Assim, o autor não demonstrou a existência de uma unidade tipológica entre o povoado da Sr^a. da Guia e os povoados de Seia. No entanto, o esforço desenvolvido permitiu a criação de uma tipologia a uma escala microregional que, por agora, e curiosamente, encontra alguns paralelos no norte do país.

Pensamos que na fase actual dos conhecimentos, relativos tanto à definição deste grupo cerâmico como à caracterização do período do Bronze Final na Beira Alta, será melhor optar por uma posição de prudência. Eventualmente poderá existir ao nível da decoração e formas cerâmicas, um “fundo comum beirão”, com alguma diversidade, mas que urge estudar de modo sistemático³⁶.

As intervenções arqueológicas já realizadas e a realizar em Canedotes apresentam-no como um dos povoados que poderá vir a desempenhar um papel importante no preenchimento de algumas lacunas relativas à caracterização do final da Idade do Bronze na Beira Alta.

Agradecimentos

À Câmara Municipal de Vila Nova de Paiva, pelo inestimável apoio logístico que sempre prestou em todas as campanhas. Ao Museu Regional D. Diogo de Sousa, na pessoa da sua directora Dra. Isabel Silva, cuja a equipa de restauro realizou um trabalho muito bom no tratamento do botão agora apresentado.

À Comba Torre, pelos desenhos da Figura 5. À Lília Basílio pela rapidez e qualidade dos desenhos da Figura 6.

Uma primeira versão deste artigo foi lida pela Doutora Maria de Jesus Sanches, grato pela gentileza e também pela objectividade das suas sugestões; os lapsos e interpretações com que não se identifique são da inteira responsabilidade do autor.

34 – Cujas primeiras formas e padrões decorativos foram publicadas por KALB, P. (1978), “Senhora da Guia (Baiões)”,... e SILVA, C. T. (1977), “Cerâmica típica da Beira Alta”, *Actas das III Jornadas de Arqueologia*, Lisboa, pp. 187-195. Posteriormente foi realizado um estudo tipológico por LOPES, A. B. (1993), *A cerâmica do castro de Senhora da Guia (Baiões) tecnologia e morfologia*, dissertação de mestrado apresentada na FLUP, policopiada, Porto.

35 – I. Pedro realizou um estudo tipológico das cerâmicas recolhidas da escavação do povoado de Sta. Luzia e do povoado de Castelo de Mouros, PEDRO, I. (1995), *O Povoamento Proto-histórico na região de Viseu*, ...

36 – Ainda que três estudos tipológicos de cerâmica (dos povoados de Seia, de Sta. Luzia e da Sr^a. da Guia), sejam escassos, a realização de um estudo comparativo entre eles para cruzamento de informação e sistematização, parece impor-se neste momento. Os resultados a obter podem revestir-se de enorme interesse.

POVOADO DE CANEDOTES (VILA NOVA DE PAIVA, VISEU) - NOTÍCIA PRELIMINAR DA 1ª E 2ª CAMPANHAS

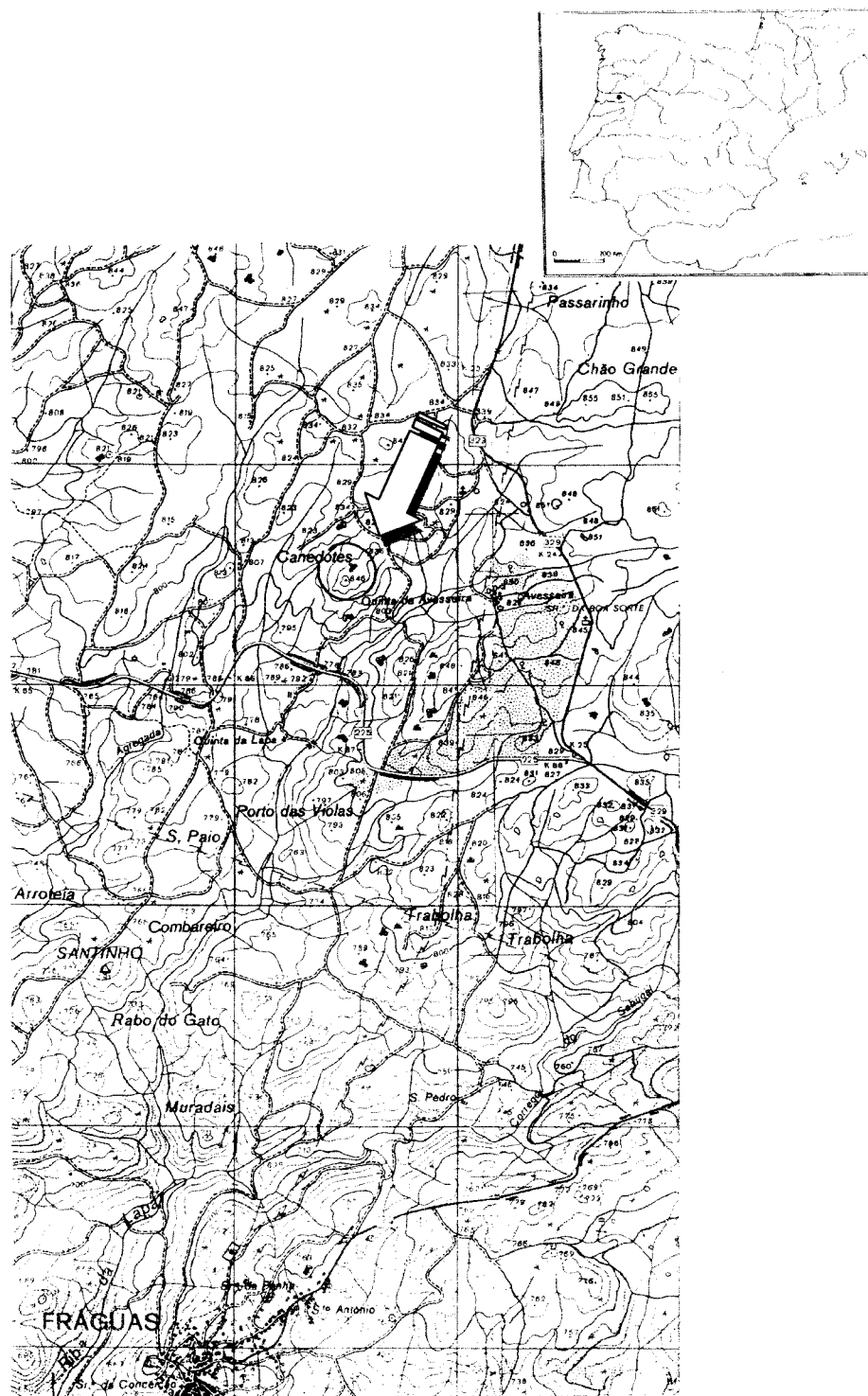


Figura 1: Localização do Povoado de Canedotes ("Casa Militar de Portugal") 1:25 000 fls. 157 (Castro Daire) e fl.8 (Vila Nova de paiva), 2ª ed. 1987.

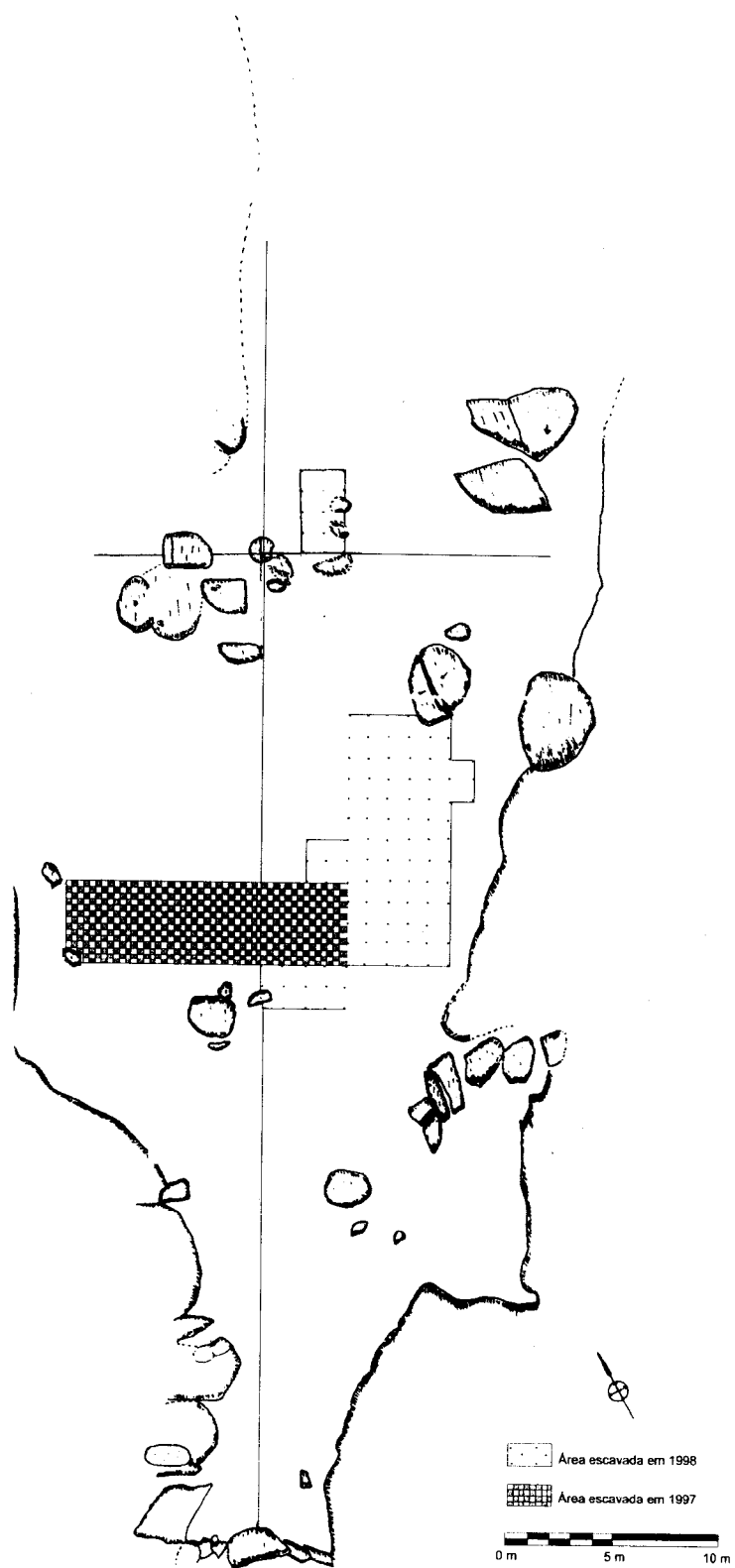


Figura 2 - Planta geral do sector 1.

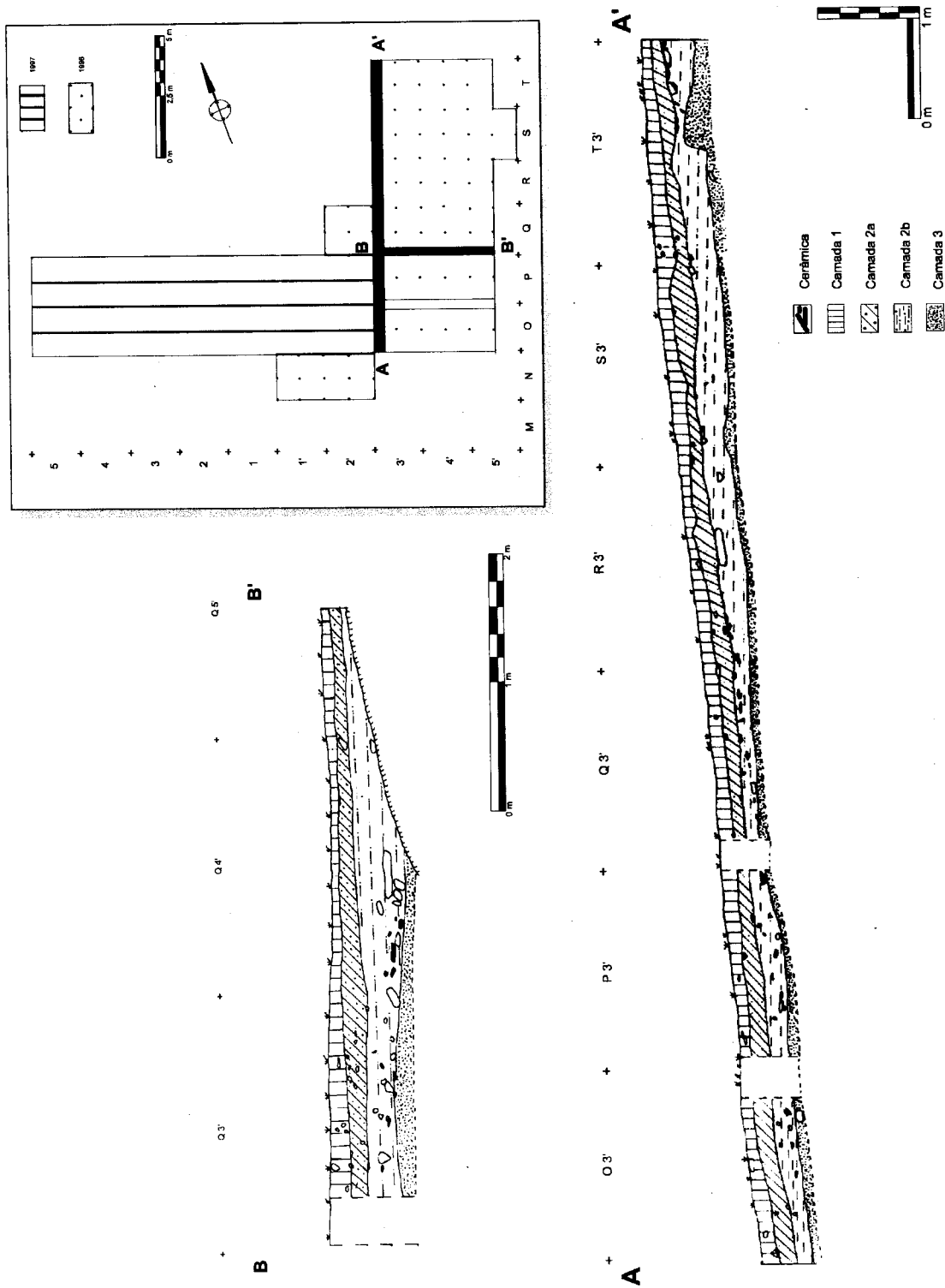


Figura 3 - Perfis estratigráficos A - A' e B - B'

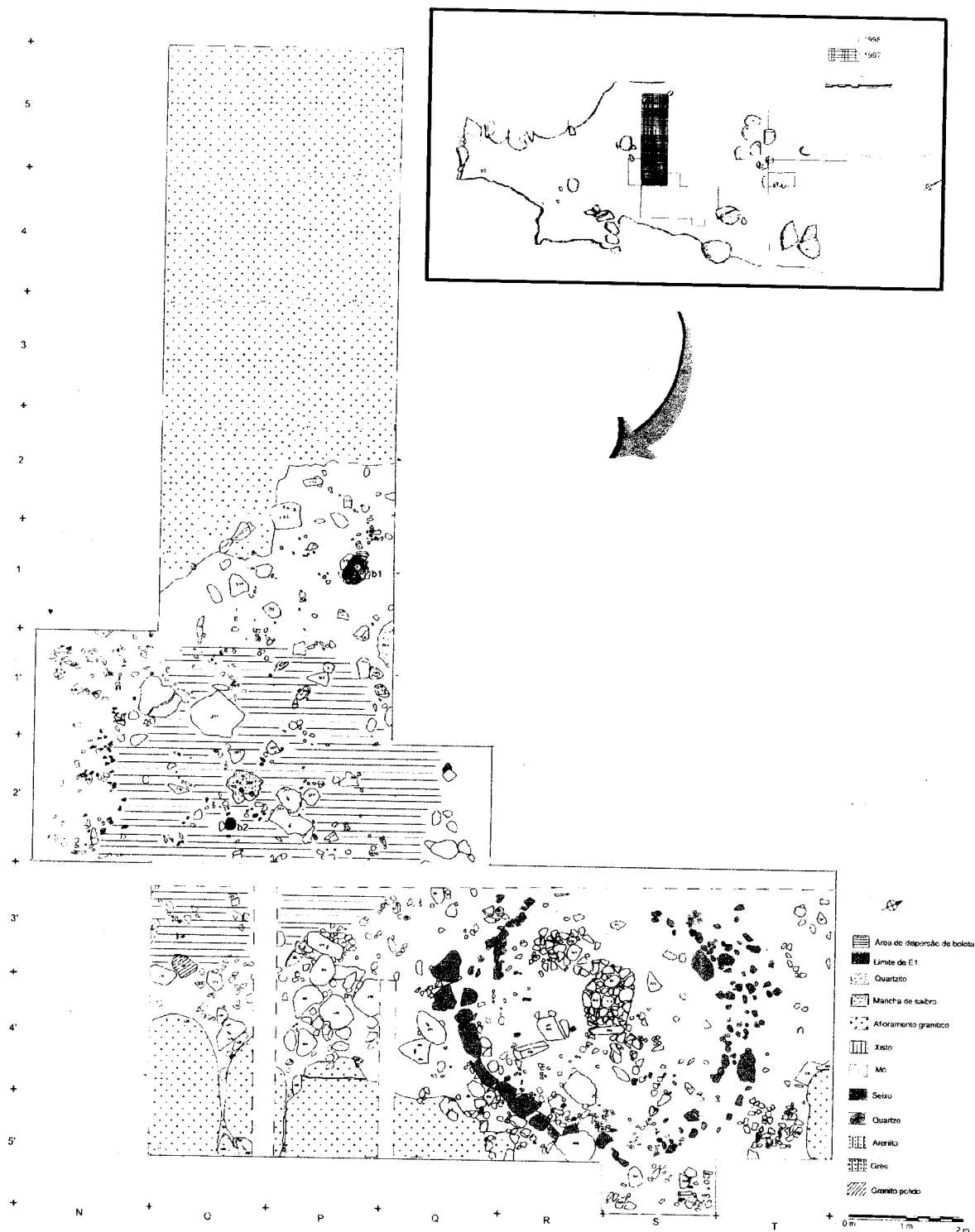


Figura 4 - Planta geral ao nível da câmara B3

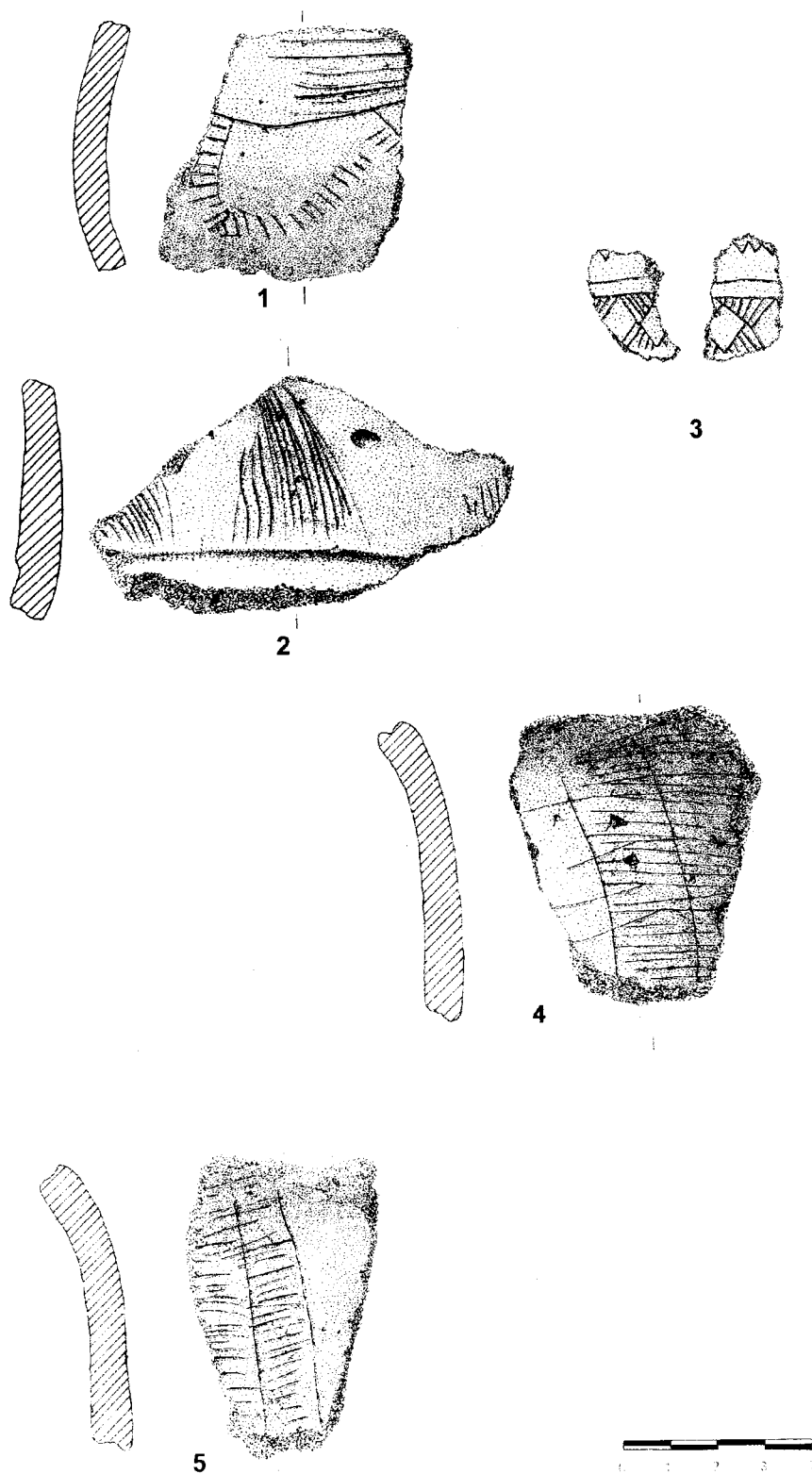
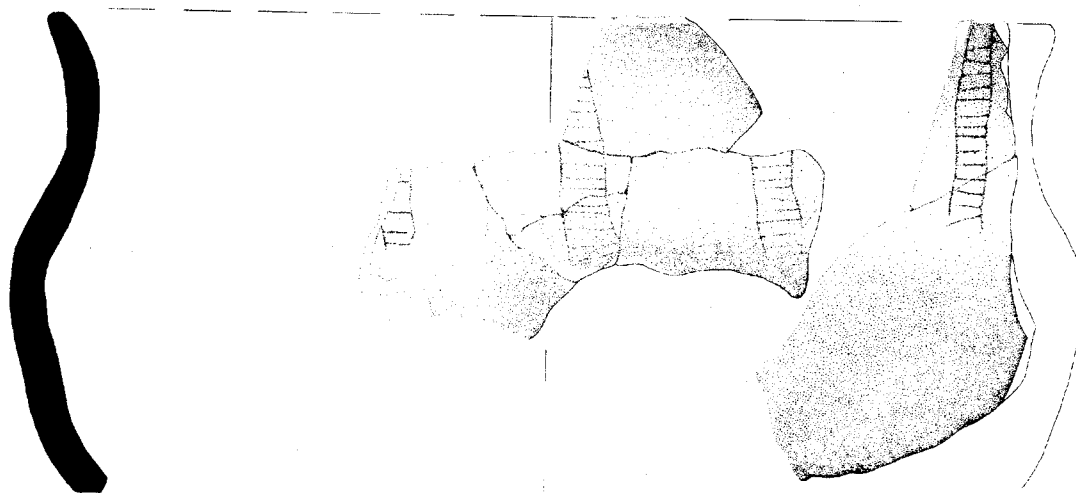


Figura 5 - Cerâmica com decoração incisa proveniente da camada 2B

PORTUGALIA



1



2



Figura 6 - 1 - Botão em bronze; 2 - Recipiente bruido de perfil em S com decoração incisa.